

**MOMENTOS DE CUIDADO NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS:
SITUAÇÕES POTENCIAIS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO**
*CARE MOMENTS IN BABIES AND SMALL CHILDREN EDUCATION: POTENTIAL
SITUATIONS OF LEARNING AND HUMAN DEVELOPMENT*


Jessica Gomes¹


Elieuzza Aparecida de Lima²


Tatiana Schneider Vieira de Moraes³

RESUMO: A educação e o cuidado são ações indissociáveis estruturantes do currículo na Educação Infantil, principalmente nas instituições educativas dedicadas aos bebês e crianças pequenas. Este argumento científico e político orientou os encaminhamentos de pesquisa bibliográfica dirigida a investigar e compreender o papel e o valor dos momentos de cuidado aos bebês e às crianças pequenas, ofertados pelas Instituições de Educação Infantil, como situações potenciais de aprendizagem e desenvolvimento humano. A partir da investigação, verificou-se que as ações de cuidado são potencialmente humanizadoras porque podem se tornar profícuas para a relação do bebê com o meio social, configurando condições efetivas para a construção de sua identidade e seu desenvolvimento intelectual e emocional. Nesta direção, estudos reunidos apontam para o papel e o valor dos momentos da educação e de cuidado para a aprendizagem do uso convencional dos objetos e apropriações de práticas culturais, envolvendo, dentre outros, o desenvolvimento alimentar e nutricional, e afirmando a unidade educar-cuidar como fundamental para a promoção de uma Educação Infantil humanizadora.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação e cuidado de bebês. Teoria histórico-cultural.

¹ Pedagoga pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, SP. Professora de Educação Infantil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Docência na Educação Infantil - Gepedei.  <https://orcid.org/0000-0002-6268-014X> - LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1688437391190574> - j.gomes@unesp.br.

² Livre-docente em Docência na Educação Infantil; Docente do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, SP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Docência na Educação Infantil - Gepedei; membro do Grupo de Pesquisa “Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural”.  orcid.org/0000-0002-4957-6356 - LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5702962982414366> - elieuzza.lima@unesp.br.

³ Docente do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, SP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização Científica - Gepac e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Docência na Educação Infantil - Gepedei.  <https://orcid.org/0000-0001-6255-5843> LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0924576519560263> - tatiana.moraes@unesp.br.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil (EI), primeira etapa da Educação Básica, ao longo das últimas décadas vem logrando avanços legais e epistemológicos relativos a proposição de situações potentes de aprendizagem e desenvolvimento na infância. Entretanto são necessários estudos e pesquisas que reflitam esses avanços e sejam objeto de reflexões para pensarmos a efetividade da prática pedagógica no interior das instituições educativas. Tratando-se da educação de bebês e crianças de até três anos, foi possível verificar, mediante a pesquisa ora socializada, carência de estudos sobre a temática desta exposição. Essa carência é elemento para validação de ideias de senso comum, afirmando que bebês e crianças pequenas são muito novos para aprender, as quais permeiam vários espaços da sociedade, inclusive nas próprias Instituições de Educação Infantil (IEI) e nos cursos de formação de professores, contribuindo para limitar a função da creche à guarda e à promoção dos cuidados pessoais.

Nesse contexto, fortalece-se uma divisão sistemática e hierárquica das ações e práticas efetivadas nas creches, a saber: ações do educar são intencionalmente organizadas e mediadas pelo professor ou professora, e as de cuidado são relativas à alimentação, à higiene e ao repouso, sendo menos prestigiadas, organizadas sem intencionalidade e feitas por funcionários auxiliares. Tal divisão é preocupante pois fere um dos fundamentos que promove o desenvolvimento integral da criança, a unidade do educar-cuidar, conforme anunciam as ciências e as políticas para a EI (BRASIL, 2009).

A indissociabilidade entre cuidar e educar, defendida por muitos estudiosos da área e por documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), bem como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), é condição essencial para a promoção do desenvolvimento integral dos bebês e crianças na primeira infância visto que os atos de cuidado que nós, professoras e professores, realizamos para as crianças pequenininhas constituem o próprio processo de educação. A criança conhece o seu corpo e se conhece por meio daquilo que ela mesma é capaz de fazer com o corpo e por meio daquilo que os outros fazem a seu corpo. É nesse processo que ela vai criando uma compreensão de quem ela é – uma identidade (SOUZA; MELLO, 2018, p.214).

Por compreender que os momentos de cuidado são igualmente valiosos na formação e desenvolvimento de bebês e crianças na pequena infância, a pesquisa que originou este artigo objetivou investigar e compreender o papel e o valor dos momentos de cuidado aos bebês e às crianças pequenas, ofertados pelas IEI, como situações potenciais de aprendizagem e desenvolvimento humano. A proposição desse objetivo está respaldada em autores como Mello (2017, p. 40), segundo a qual é essencial:

ampliar o pequeno espaço de reflexão que a educação e o cuidado dos bebês têm merecido na formação de professores e lutar contra sua quase ausência nas políticas públicas, ao mesmo tempo que nos engajamos na criação e desenvolvimento de

uma pedagogia que acolha, cuide e eduque nossos bebês por meio de uma atitude que envolve escuta, investigação e reflexão e que possa resultar na criação de uma nova cultura escolar em que sejamos todos protagonistas – incluindo os bebês e suas famílias – de um projeto de educação cientificamente fundamentado e orientado para o máximo desenvolvimento das melhores qualidades humanas.

Em concordância com essas proposições e para orientar o nosso pensar acerca do objeto de estudos, elencamos a Teoria Histórico-Cultural (THC) como base teórica orientadora das reflexões e argumentos tecidos ao longo desta exposição, por conceber o ser humano como sujeito capaz de aprender e se desenvolver desde a mais tenra idade.

De acordo com a THC:

[...] uma criança potente [...] vence contradições para buscar maneiras de comunicar suas necessidades, descobre o mundo ao seu redor e, aos poucos, vai estabelecendo relações com as pessoas, com os objetos a que tem acesso e consigo mesma. De fato, o bebê não entende o significado das palavras da língua materna, mas entende o sentimento expresso no tom da voz de quem fala com ele; o bebê não conhece o uso dos objetos ao seu redor, mas começa a explorá-los com os olhos, os ouvidos, as mãos e a boca, assim que o aproximamos dos objetos; o bebê não anda, mas inicia-se imediatamente no movimento que o levará a andar à medida que o espaço ao redor possibilitar seu movimento livre e o estimular com objetos; o bebê não comunica com palavras suas necessidades, mas as comunica com o choro, com o olhar, com o corpo. Desta outra forma de olhar o bebê surge uma criança potente e capaz – e, como ensina Vygotsky (1996a), podemos olhar suas “possibilidades” (SOUZA; MELLO, 2018, p. 214).

Ao afirmar os bebês e crianças pequenas como sujeitos capazes, ativos e de direitos, a THC eleva o nosso olhar para as suas potencialidades, superando a concepção de “criança como um ser frágil, incapaz, e, por isso, desprovida de direitos e mesmo de vontades, como um objeto da vontade do adulto” (SOUZA; MELLO, 2018, p. 210). A apropriação desta teoria pode trazer para o professor ou professora de bebês condições de ofertar vivências potencialmente humanizadoras para as suas crianças.

Essas ideias iniciais afirmam o lugar potente da criança desde bebê e do professor na IEI e abrem possibilidades para aprofundamentos nas reflexões a seguir.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS: APROXIMAÇÕES COM OS PRINCÍPIOS DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

A THC nos possibilita compreender que nascemos humanos apenas do ponto de vista biológico. Deste ponto de vista, nós aprendemos a ser humanos desde o momento em que nascemos. Mas qual o significado dessa argumentação? Significa que todas as qualidades humanas, tais como a inteligência, a personalidade, a

linguagem, a imaginação, a atenção voluntária “são aprendidas nas relações que o bebê vai estabelecendo com o mundo ao redor: com o mundo físico, mas, sobretudo, com o mundo social, entre pessoas mais experientes.” (SOUZA; MELLO, 2018, p.212).

Nascemos sem as qualidades humanas, mas todos nascemos com a capacidade de aprender e aprendemos desde a mais tenra idade, conforme assevera a THC. Compreender este princípio é basilar e norteador para a prática pedagógica de professores(as) e demais educadores(as) de bebês e crianças pequenas, uma vez que é fundamental concebê-los como sujeitos de direitos, ativos e capazes, tendo a intenção de ofertar uma educação capaz de desenvolver suas máximas potencialidades humanas.

Quando a teoria histórico-cultural demonstra que o desenvolvimento não acontece naturalmente, mas é impulsionado pelas experiências vividas pela criança, ela afirma essa criança capaz de viver experiências desde que nasce e de atribuir um sentido a elas; quando a teoria histórico-cultural defende que a criança não nasce com dons, mas aprende dons, aptidões e habilidades com as situações que vive e de acordo com os sentimentos e afetos que experimenta nas situações vividas, isto é, dependendo de como se sente nas experiências vividas, deixa claro que a criança é, desde que nasce, capaz de estabelecer relações com aquilo que vive e aprende. (SOUZA; MELLO, 2018, p. 209).

O protagonismo triplo para a promoção de uma educação humanizadora é consenso entre os pesquisadores e estudiosos da THC: o bebê ou criança como sujeitos de direitos, ativos e capazes; a cultura – fonte das qualidades humanas em suas mais variadas formas; o(a) professor(a) e demais educadores como sujeito histórico e cultural, apropriado de conhecimento científico; para planejar, intencionalmente, vivências potentes e mediadoras da relação da criança com a cultura. Com este entendimento, o papel dos professores(as) na EI é organizar vivências propulsoras do surgimento de diferentes desejos, atendendo e gerando novas necessidades e curiosidades, mediante as relações efetivadas pelas crianças em processos de exploração e conhecimento do mundo.

Nessa perspectiva científica, a criança aprende desde que nasce, porém de forma singular em cada idade e com atividades orientadoras de aprendizagem nesses momentos peculiares. Essas atividades são denominadas de “principais” ou “guias” por governarem as revoluções no desenvolvimento infantil em cada idade.

Em relação ao primeiro ano de vida do bebê, a comunicação emocional é a atividade guia desse momento da vida (MUKHINA, 1995). Para explicar esse conceito, Vygotsky (1996) expressa a contrariedade que marca a vida do bebê nesse período: dependente do adulto para a sobrevivência, porém não consegue se comunicar oralmente para expressar suas necessidades, mas se expressa mediante choro, olhar, balbúcio, sorriso, dentre outros modos de manifestação.

A comunicação com os bebês acontece no nível da emoção por meio do toque, do tom de voz, do ritmo do cuidado, muito mais do que no nível da compreensão das palavras. Por isso, é chamada, na abordagem histórico-cultural de comunicação emocional, pois requer uma situação especial em que a pessoa adulta se relacione apenas com o bebê: o cuidado é, então, um tempo privilegiado para a comunicação olho no olho entre adulto e bebê. Por isso, dedicamos atenção especial aos momentos de cuidado. Quando o bebê é tratado como sujeito nessa relação de cuidado – quando ele é um dos polos na relação de comunicação –, ele vai formando uma imagem positiva de si mesmo e da pessoa adulta que lhe cuida e educa. Por isso, cuidado e educação não se separam na vida dos bebês – assim como na vida das crianças pequenas: educamos enquanto cuidamos. Essas duas atividades não estão separadas na vida do bebê: sua educação não acontece de forma coletiva, mas apenas no momento da relação face a face, ou seja, nos momentos de cuidado, que são essencialmente momentos de encontro, de diálogo não verbal, de diálogo corporal - prelúdio da linguagem verbal que fomentamos nesses contatos. (MELLO, 2017, p. 33).

De acordo com a autora, a unidade das ações de educar e cuidar potencializa os momentos com os bebês e fomentam condições para a efetividade da comunicação emocional e, com ela, para aprendizagens essenciais ao desenvolvimento humano no primeiro ano de vida. Dessa forma, a autora sinaliza sobre a necessária intenção pedagógica de professores(as) da infância para a promoção da comunicação emocional com os bebês desde os primeiros meses de vida nos momentos de cuidado, os quais também precisam ser compreendidos como momentos de educação.

Nesta lógica de raciocínio, é fundamental que professores(as) e demais educadores(as) conheçam as especificidades da comunicação emocional com os bebês para poder compreender suas necessidades, seus desejos, anseios, direitos e potencialidades. Situações de conversas com o bebê nos momentos de banho, troca, alimentação e sono, fazendo-o sujeito da comunicação ao invés de objeto são essenciais para potencializar atitudes e ações ativas e autônomas nos primeiros anos de vida. Nelas, é essencial anunciar o que será feito com o bebê, ainda que ele possa não compreender os significados das palavras. Práticas como essas contribuem para que a criança desenvolva a segurança afetiva, a confiança e autoestima, constituindo assim seu processo de humanização no primeiro ano de vida (SANTOS, 2020).

Em consonância com essas ideias, quando o adulto oferta sua atenção ao bebê, falando carinhosamente com ele, mantendo o contato visual e se esforçando para compreendê-lo, está criando condições para promoção de aprendizagens motivadoras do desenvolvimento infantil. Isso significa que acolhimento e escuta são práticas pedagógicas e, portanto, devem ser inerentes a todos os momentos componentes da vida na IEI (MELLO; SOUZA, 2018; MELLO, 2020).

O período entre o primeiro e o terceiro ano de vida da criança, a atividade principal, a qual “fundamenta o processo de formação da inteligência e personalidade infantil” (LIMA, 2018, p. 97) é a manipulação objetual. A autora evidencia que nesse

período a criança desenvolve a linguagem, a memória, a imaginação e aprimora sua comunicação, portanto, a atividade de manipulação de objetos será a atividade promotora de novas aprendizagens e desenvolvimento da criança neste momento da vida (LIMA, 2018).

Por meio da manipulação dos objetos da cultura, a criança explora o mundo, aprende e se desenvolve, sendo possível perceber o valor de propiciar ricas ofertas e oferecer a cultura historicamente produzida em suas diversas formas e texturas: tecidos, hábitos, costumes, brinquedos, objetos, livros, pinturas, alimentos, elementos da natureza, dentre outros.

Nesta lógica de reflexão, os momentos de cuidado são propícios para o desenvolvimento das atividades guia do nascimento ao terceiro ano de vida porque, nesses momentos, a criança pode apropriar-se do uso de determinados objetos, de certos hábitos e convenções culturalmente próprias ao meio em que ela vive, desenvolvendo assim sua inteligência e personalidade.

Pelo exposto, os aspectos dos fundamentos científicos afirmados pela THC autorizam a defesa da necessária formação docente para apropriação teórica sólida sobre especificidades dos processos educativos e das formas de aprendizados e desenvolvimento nos anos iniciais da vida, substanciando-se mediante a unidade dos processos de educação e cuidado.

SOBRE A METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS

Para atingir o objetivo geral da pesquisa – investigar e compreender o papel e o valor dos momentos de cuidado aos bebês e às crianças pequenas, ofertados pelas IEI como situações potenciais de aprendizagem e desenvolvimento – utilizamos a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é caracterizada pelas ações de levantamento de referências teóricas publicadas em bases de dados específicas. Gil (2002, p. 44) afirma que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, composto principalmente de livros e artigos científicos”, contribuindo para a reflexão do objeto de estudo a ser analisado na investigação.

Com o intuito de compreender o papel e o valor dos momentos de cuidado ofertados pelas IEI aos bebês e crianças pequenas, foi efetivada uma pesquisa bibliográfica na base de dados Portal de Periódicos da Capes, incluindo artigos científicos revisados por pares, publicados no período de 2009 a 2021 e em língua portuguesa.

Na sequência, o processo de triagem dos artigos é explicitado a partir da apresentação das estratégias de busca realizadas entre o período de 30 de agosto a 02 de setembro de 2021, com a utilização de descritores específicos. Esse processo foi orientado a partir da aplicação de critérios de inclusão: artigos relacionados à EI e

continham no título e ou no resumo os descritores usados para compor as estratégias de busca empregadas e critérios de exclusão: artigos duplicados e artigos não relacionados à temática investigada. O processo de triagem resultou na localização de dezoito trabalhos (Quadro 1).

Quadro 1 – Processo de triagem dos artigos

Descritores utilizados	Quantidade de trabalhos localizados	Quantidade de trabalhos após aplicação de critérios de inclusão/exclusão	Artigos duplicados (*)	Quantidade de trabalhos incluídos
cuidado AND educação de bebês	1.826	544	-	07(**)
cuidado AND “educação de bebês”	22	06	02	00
cuidado e educação infantil	5.552	1.647	07	08(**)
cuidado e “educação infantil”	1.352	404	14	01(**)
“cuidado e educação infantil”	03	-	-	00
bebês AND cuidado AND “educação infantil”	281	90	07	00
bebês AND “educação infantil”	553	141	07	02
TOTAL				18

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados de pesquisa (2022). (*) Artigos duplicados e selecionados com as estratégias anteriores; (**) Artigos selecionados a partir da análise das vinte primeiras páginas do Portal de Periódicos da Capes.

O Quadro 2 apresenta as referências dos artigos selecionados e incluídos na investigação ora apresentada a partir dos descritores utilizados nas estratégias de busca.

Quadro 2– Artigos localizados a partir da aplicação de descritores específicos

Descritores: cuidado AND educação de bebês
AKURI, J. G. M.; KOHLE, É. C.; PEREIRA, M. C. Cuidado e educação dos bebês e crianças pequenas: um olhar por dentro da creche. Revista de Educação Popular , Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 171-192, set./dez. 2020.
MONÇÃO, M. A. G. Cenas do cotidiano da educação infantil: desafios entre cuidado e educação. Revista Educação e Pesquisa , São Paulo, v.43, n.1, p.161-176, jan./mar. 2017.
SILVA, I. O.; LUZ, I. R. Relações entre famílias e instituições de educação infantil: o compartilhamento do cuidado e educação das crianças. EccoS – Revista Científica , São Paulo, n.50, e14110, jul./set. 2019.
BECKER, M.S.; BERNARDI, D.; MARTINS, G.D.F. Práticas e crenças de educadoras de berçário sobre cuidado. Psicologia em Estudo , Maringá, v.18, n.3, p.551-560, jul./set. 2013.
DELGADO, J. Entre os saberes e práticas das professoras de educação infantil: um estudo sobre os cuidados na primeira infância. Revista Poiésis , Tubarão, v.9, n.15, p.63-79, jan./jun. 2015.
SAULLO, R. F. M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S. Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche. Pro-Posições [online], v. 24, n. 3, p.81-98, 2013.
ALCANTARA PEREIRA, B. da.; S., BELLAFRONTE, E.; ALMEIDA, M. de L. de.; SILVA, R. M. M.; SOBRINHO, R. A. S.; ZILLY, A. Práticas e percepções de educadores quanto ao aleitamento materno. Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde , v.3, n.31, jul./set. 2018.
Descritores: “cuidado e educação infantil”
COLLA, R. A. O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , [online], v. 100, n. 254, p.111-126, 2019.
RENGIFO-HERRERA, F. J.; RODRIGUES, A. P. G. M. Quando comer não é suficiente: Tríade cuidado/educação, desenvolvimento e uso dos objetos durante as refeições em duas creches do DF. Psicología desde el Caribe , vol.37, n.3, p.237-258, set./dez. 2020.
SILVA, J. C.; ARCE, A. Infância, conhecimento e função docente nos documentos do MEC destinados a educação infantil: uma análise a luz da psicologia histórico-cultural. Revista HISTEDBR , Campinas, v. 10, n. 39, p. 119–135, 2012.
CRUZ, S.G.; OLIVEIRA, T.A.; FANTACINI, R.A.F. A indissociabilidade do brincar, cuidar e educar na Educação Infantil. Research, Society and Development , v. 4, n. 4, p. 227-238, abr. 2017.
CAMPOS, M. M. et al. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras. Cadernos de Pesquisa [online], v. 41, n. 142, p. 20-54. 2011.
BARBOSA, M. C. S.; QUADROS, V. S. R. As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. Em aberto , Brasília, v. 30, n. 100, p. 45-70, set./dez. 2017.
RAYNA, S. Participação e qualidade do cuidado e da educação na creche. Pro-Posições [online], v. 24, n. 3, p. 65-80, 2013.

OLIVEIRA, J. S. de. O cuidar, o educar e o brincar nos tempos, espaços e contextos socioeducativos da/na creche: algumas considerações. Revista Exitus , Santarém, v.6, n.2, p.106-128, jul./dez.2016.
Descritores: cuidado e “educação infantil”
LONGO-SILVA, G., TADDEI, J.A.A.C., KONSTANTYNER, T., TOLONI, M.H.A. Percepções de educadores de creches acerca de práticas cotidianas na alimentação de lactentes: impacto de um treinamento. Ciência&Saúde Coletiva , v.18, n.2, p.545-552, jan.2013.
Descritores: bebês AND “educação infantil”
COUTINHO, A.M.S. Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência. Em Aberto , Brasília, v. 30, n. 100, p. 105-114, set./dez. 2017.
BAHIA, C.C.S.; MOCHIUTTI, S. Natureza e sociedade: contribuições da pesquisa-formação na construção de saberes e fazeres no berçário. Revista Cocar , Belém, v.11, n.21, p. 279 a 301 – jan./jul. 2017.

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022).

Após a leitura na íntegra dos artigos selecionados foi necessário excluir seis trabalhos (ALCANTARA PEREIRA, *et al*, 2018); (CAMPOS, 2011); (CRUZ; OLIVEIRA; FANTACINI, 2017); (RAYNA, 2013); (SAULLO; ROSSETI-FERREIRA; AMORIM, 2013); (SILVA; ARCE, 2012) do *corpus* de pesquisa, os quais não se relacionavam, especificamente, com os momentos de cuidado na educação de bebês e crianças pequenas. Após essa exclusão, o *corpus* da pesquisa bibliográfica foi constituído por 12 trabalhos, considerados elegíveis para esta investigação.

Os resultados são apresentados e discutidos ao longo desta exposição mediante cinco eixos de análise, resultantes da leitura e análise dos artigos, sendo eles: a) o corpo como meio para a aprendizagem; b) relação com o meio social; c) construção da identidade e desenvolvimento emocional; d) uso convencional dos objetos e apropriação de práticas culturais; e) desenvolvimento alimentar e nutricional.

MOMENTOS DE CUIDADO OFERTADOS AOS BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE APONTA A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA?

A leitura e análise dos artigos que compõem o *corpus* de pesquisa foi orientada pela problemática – De acordo com artigos científicos, como os momentos de cuidado ofertados pelas instituições de EI – especialmente aquelas dedicadas aos bebês e crianças pequenas, podem ser também situações de aprendizagem e desenvolvimento? Com essa questão, buscamos compreender aspectos da unidade entre educar e cuidar

mediante estudos e análises de produções científicas acerca dos momentos de cuidado ofertados pela EI.

Para apresentação e discussão dos dados, os artigos foram agrupados em eixos de análise advindos da leitura do próprio *corpus* de pesquisa. O conjunto de artigos responde a problemática enunciada de modo bastante significativo, partindo do princípio que o corpo do bebê e da criança pequena é o meio para que se relacionem com o mundo, apontando possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento que os momentos de cuidado podem viabilizar (Quadro 3).

Quadro 3 – Eixo de Análise “O corpo como meio para aprendizagem”

<p>A criança é sinestésica: movimenta-se, traça rotas, aprende com seus sentidos e, com sua ação, exprime no corpo seus desejos, sentimentos positivos e negativos, suas inquietações, insatisfações. O corpo dos pequenos pensa, fala, expressa e comunica. A criança aprende com o corpo inteiro: só há aprendizagem quando incorporada, não há aprendizagem que não passe pelo corpo [...]. (BARBOSA; QUADROS (2017, p. 49).</p>
<p>Parte-se do pressuposto de que o corpo é um dos principais componentes da ação social (Goffman, 1982), assim como uma experiência que se constitui pela (inter)ação. O destaque dado ao corpo dos bebês é decorrente da compreensão de que é pelo corpo que os bebês se relacionam com o mundo e se comunicam. (COUTINHO, 2017, p. 107).</p>
<p>O processo de conhecimento pelo bebê se dá por meio do corpo, então, ele é o corpo em movimento na expressão de ideias, afetos, sensações, pensamentos. Portanto, o corpo é o primeiro instrumento de pensamento dele e no qual ancora o seu aprendizado. (BAHIA; MOCHIUTTI, 2017, 292).</p>

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022).

Como explicitado no Quadro 3, em relação ao eixo “o corpo como meio para a aprendizagem”, Barbosa e Quadros (2017) explicam que a aprendizagem de bebês e crianças pequenas ocorre mediante a experiência corpórea. Ao relacionar-se com o adulto, por meio das ações de cuidado, o bebê e a criança pequena constroem, descobrem e exploram seu corpo, criam vínculos e desenvolvem disposição e interesse em explorar o meio em que está:

Nesse intercâmbio de afetos, o sujeito – no caso, os bebês e as crianças pequenas – vai se constituindo, estabelecendo relações, construindo vínculos e, aos poucos, percebendo o quanto o mundo é um lugar interessante para viver. A criança torna-se a cada dia mais disposta para explorar seu corpo e seu entorno, com ousadia e vivacidade, aprendendo com as próprias experiências. (BARBOSA; QUADROS, 2017, p. 49).

As autoras discutem a falta de visibilidade das aprendizagens cotidianas que tecem o dia a dia da IEI nas pesquisas acadêmicas, nos currículos, nos projetos pedagógicos e nos cursos de formação de professores, apontando a necessidade de “reverter esse silenciamento sobre as aprendizagens relativas às vidas concretas das

crianças pequenas e defini-las como aprendizagens cotidianas de valor curricular, a serem realizadas também na escola.” (BARBOSA; QUADROS, 2017, p. 48).

Em complemento, argumentam sobre a especificidade do currículo na EI e da necessidade de concebê-lo como vivo, dinâmico, o qual envolve e valoriza as aprendizagens provenientes das ações de rotina. As autoras também destacam como questionamento, o lugar que ofertamos às crianças nas práticas pedagógicas, se é constituindo-as como objetos ou como sujeitos (BARBOSA; QUADROS, 2017).

Ao partirmos do pressuposto teórico de que nos tornamos humanos, por meio da relação com o meio, Coutinho (2017) contribui efetivamente com as discussões propostas ao argumentar que o corpo é o elemento central pelo qual o bebê se relaciona com o mundo, considerando que é por meio do corpo que o bebê aprende. Dessa forma, a estudiosa compreende a troca, o banho, o sono e, especificamente a alimentação, como momentos fundamentais para a humanização das crianças, pois promovem a relação com o outro e com os objetos da cultura. Entretanto, alerta que esses momentos de cuidado tão potenciais de desenvolvimento se realizados de forma alienada, sem intencionalidade, subestimando a atividade dos bebês pode desumanizar o sujeito.

Em acréscimo, a autora pontua que, quando os professores e professoras de creche concebem o bebê e a criança pequena como sujeitos ativos, capazes de aprender e de se relacionar para poder ofertar situações de aprendizagem e desenvolvimento, os momentos de cuidado podem se tornar situações especiais para potencializar a humanização na infância, mas que, por si só, eles não garantem a humanização. Para isso, é essencial que sejam momentos pensados, planejados, organizados, tornando-se favoráveis à atividade infantil (COUTINHO, 2017).

Bahia e Mochiutti (2017) corroboram com as reflexões apresentadas afirmando que o bebê se relaciona com o mundo por meio de seu corpo, sendo este seu instrumento de experiências, afetos, sensações e pensamentos, bem como defendem o contato constante e contínuo dos bebês com a natureza. Com esse entendimento, as crianças são “seres sociais, sujeitos ativos, produzidos na cultura e dela também produtores, considera-se que elas, independentemente da idade em que se encontram, aprendem e se desenvolvem ao se relacionarem com pessoas e objetos.” (BAHIA; MOCHIUTTI, 2017, p. 281).

Os argumentos expostos nos fazem reconhecer o corpo do bebê e da criança pequena como “potência de criação e construção de conhecimento” (NÖRNBERG, 2013, p. 110 *apud* COLLA, 2019, p.119), nos provocando à reflexão sobre como os momentos de cuidados são potenciais para a aprendizagem das crianças mediante experiências corpóreas que as situações de cuidado promovem.

Os próximos eixos retratam aspectos acerca de aprendizagens que podem ser advindas dos momentos de cuidado. Para ampliação dessas assertivas, o Quadro 4 traz excertos de artigos reunidos na pesquisa expressivos do eixo “relação com o meio social”.

Quadro 4 – Eixo de Análise “Relação com o meio social”

O cuidado (cura) com as coisas e com os outros, portanto, produz os seres que somos e funda os significados que atribuímos a tudo por meio da linguagem; funda o mundo, ou seja, o espaço-tempo significado no qual somos junto a todo resto (por meio do qual atribuímos sentidos à nossa existência). A disposição do ser-no-mundo (que existe na condição de ser junto a outros seres e a tudo àquilo que está à mão, isto é, que é passível de ser manipulado) não deixa de ter para com ele certo cuidado, constituindo-o. Inarredavelmente, disposto a cuidar, o ser cuida de si. Cuidar e ser cuidado são práticas determinantes para o ser que se pergunta pelo que é ser humano. A cura, assim, é a curadoria do próprio ser que se pergunta pelo que é porque estabelece uma relação de cuidado consigo ao exercitar o cuidado com os outros, com as coisas e com o entorno/tempo (COLLA 2019, p.118).

[...] pretende-se refletir sobre as dimensões do cuidar-educar-brincar nos espaços e tempos da creche, considerando-se a interação que se estabelece entre crianças e adultos na construção identitária com o mundo social, e de como se desenvolve a participação desses sujeitos, isto é, o protagonismo “criança-adulto” na elaboração organizativa dos “tempos espaços” no cotidiano escolar, tendo em conta a visão e concepção de criança, de infância e educação que aí se presencia (OLIVEIRA, 2016, p.114).

Alimentar-se é colocar em ação seu desejo de viver, mas é também criar uma relação com o outro e entrar no universo da troca. A alimentação é um dos principais vínculos de comunicação que o adulto mantém com um bebê. E é preciso que não esqueçamos o vice-versa (DELGADO, 2015, p.72).

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022).

No que se refere ao eixo “relação com o meio social”, Colla (2019) reflete que durante as ações de cuidado, são colocadas em práticas diversas qualidades humanas constituindo vários modos de afeto, resultando em momentos potenciais de relação entre os bebês e entre bebês e adultos.

Em complemento, para Oliveira (2016), as vivências cotidianas, se permeadas pela tríade educar/cuidar/brincar, são responsáveis por estreitar a relação entre adultos e crianças, possibilitando a escuta e observação atenta das necessidades, objetivações, singularidades de cada criança, contribuindo para o tratamento do bebê como sujeito ativo e capaz.

Os resultados trazidos pela pesquisa de campo realizada por Delgado (2015) revelam, ampliando as discussões precedentes, que as professoras demonstram conhecer a indissociabilidade do educar/cuidar, mas que essa indissociabilidade não se materializa em seus relatos sobre as ações de cuidado, atribuindo a eles um caráter meramente tarefairo.

Em sua pesquisa, Delgado (2015) também identificou a dificuldade encontrada pelas professoras em unificar as ações de educar e cuidar na rotina das crianças. As participantes do estudo mostraram saber da importância do binômio em sua prática docente, entretanto, quando relatam a organização do trabalho pedagógico é visível a cisão entre esses momentos.

A autora supracitada cita, especificamente, a alimentação, o banho e sono como momentos em que o bebê e a criança pequena exploram seus sentidos e percebem o mundo ao seu redor, inclusive sendo essencial no processo de construção de vínculos entre adultos e crianças. “É necessária uma prática que reconheça a grandeza dos cuidados integrados à educação como elemento que humaniza nossas crianças.” (DELGADO, 2015, p.72).

A relação com o outro possibilita ao bebê e à criança pequena desenvolver uma série de qualidades humanas como são vistas nos próximos eixos, dentre as quais as emoções e diferentes formas de percepção.

Em acréscimo, os excertos destacados no Quadro 5 constituem-se como fomento para ampliar os argumentos até aqui elaborados.

Quadro 5 – Eixo de Análise “Construção da identidade e desenvolvimento emocional”

[os momentos de cuidado] são igualmente momentos de educação, pois falam de como as pessoas se relacionam e ensinam modos de se relacionar, informam a criança sobre quem ela é e que importância ela tem no grupo, ou seja, criam uma identidade e autoestima. Com seu bem-estar e a confiança nos adultos garantidos, bebês e crianças pequenas se sentem tranquilos e motivados para vivenciar as experiências e situações oferecidas pelos profissionais da creche (AKURI; KOHLE; PEREIRA, 2020, p.184).
Wallon (2007) afirma que a natureza das emoções é paradoxal, comportando tanto uma dimensão fisiológica quanto uma dimensão social. A expressão das emoções permite a passagem da dimensão orgânica para a dimensão psíquica, promovendo e sendo fruto da interação entre o sujeito e o grupo social. Os gestos e movimentos das crianças, assim, expressam o caráter fisiológico da emoção ou sensação, mas também, e ao mesmo tempo, atualizam/reasseguram seu caráter social – já que a dimensão social, além de se efetivar no contato com o outro por meio de sua emoção e afeto, é aprendida na interação (MONÇÃO, 2017, p.172).
Considera-se que não é possível interagir com crianças pequenas sem que haja aprendizagens, formação de imagens e de referências sobre o outro e o ‘mundo’ e, fundamentalmente, de autoimagens e de certa compreensão de si mesmo (SILVA; LUZ 2019, p.5).
Destaca-se ainda a necessidade de valorizar as práticas de cuidados básicos como um fazer legítimo do profissional da Educação Infantil, não apenas por causa da dependência do bebê, mas também pela importância deste tipo de cuidado para o desenvolvimento emocional saudável da criança, o qual garante as bases necessárias para suas aprendizagens futuras (BECKER; BERNARDI; MARTINS, 2013, p.559).

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022)

Conforme retratado no Quadro 5, Akuri, Kohle e Pereira (2020) afirmam que os momentos de cuidado tais como o banho, a troca, a alimentação e o repouso são momentos por meio dos quais o bebê vai formando sua identidade e fortalecendo sua autoestima e confiança como membro do grupo de crianças do qual faz parte. Os autores também argumentam que os bebês e crianças podem expressar seus sentimentos de desejo e afeto por explorar o ambiente quando se sentirem alegres, seguros e confiantes e, assim, concluem que os momentos de cuidado são propícios para o desenvolvimento dessas emoções no bebê e na criança pequena.

Os autores compreendem a indissociabilidade do educar e cuidar como condição para a promoção de uma educação potencialmente humanizadora,

concebendo a gestão pedagógica como responsável por levar a compreensão da unidade educar-cuidar para os professores e profissionais que atuam com bebês e crianças pequenas. No entendimento deles, o Projeto Político Pedagógico e ações de formação continuada evidenciam esses fundamentos que são materializados em práticas pedagógicas.

Seguindo a lógica de argumentações precedente, para Monção (2017), nas ações de cuidado, as crianças aprendem a cuidar de si e a se relacionarem com outras pessoas. Adverte acerca de que os momentos de cuidado sejam retirados da dimensão instrumental e colocados na dimensão ética, na qual concebe o bebê e a criança pequena como seres ativos e de direitos. Discute também a importância de um exercício de escuta atenta às emoções, expressões e manifestações dos bebês e das crianças pequenas como fundamental no processo de educação voltada ao pleno desenvolvimento psíquico, emocional e social nos primeiros anos de vida.

Essas ideias se somam às de Silva e Luz (2019, p. 5) para as quais, nos momentos de cuidados na instituição educativa, as relações com bebês e crianças pequenas podem resultar em aprendizagens, dentre elas citam “a formação de imagens, de referências sobre o outro, sobre o mundo e fundamentalmente de autoimagens e de certa compreensão de si mesmo”.

Para ampliar as reflexões, o estudo de Becker, Bernardi e Martins (2013) evidencia que o bebê se integra ao meio, isto é, localiza o seu “eu” no tempo e espaço por meio das ações de cuidado. As autoras argumentam que, diante das necessidades e especificidades dos bebês, o trabalho educativo exige profissionais com formação específica para atuação nos berçários. Defendem também que todas as práticas são essenciais ao desenvolvimento da criança e que, portanto, não há razão de hierarquiza-las mas guia-las pelas necessidades e especificidades que apresentam os bebês. Suas conclusões revelam que as práticas de cuidado são essenciais para o desenvolvimento emocional dos bebês, tornando-se base necessária para aprendizagens futuras.

Articulado a essa compreensão, o Quadro 6 destaca um excerto que expande as discussões aqui tratadas.

Quadro 6 – Eixo de Análise “uso convencional dos objetos e apropriação de práticas culturais”

As refeições são relevantes para a Educação Infantil pela importância que esses momentos têm no relacionamento e nos aspectos cognitivos, simbólicos e afetivos da apropriação cultural dos objetos e das práticas. Os alimentos carregam uma enorme herança simbólica em cada cultura (RENGIFO-HERRERA; RODRIGUES, 2020, p.240).

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022).

Relativo ao eixo de discussões “uso convencional dos objetos e apropriação de práticas culturais”, Rengifo-Herrera e Rodrigues (2020) consideram os momentos de alimentação ofertados pela IEI como potenciais para aprendizagem e desenvolvimento,

porque neles as crianças podem aprender, a partir da mediação dos educadores, o uso social dos utensílios próprios desta ação (colher, copo, prato, guardanapo) e se apropriam da carga cultural e afetiva que circundam esses momentos.

As contribuições dos autores também provocam reflexões sobre sociedades em que a hora da refeição tem diferentes significados, os quais vão além da necessidade fisiológica, efetivando ocasião que carrega consigo hábitos, costumes, afetividades, isto é, significados culturais e sociais que são apropriados pelos bebês e crianças nos momentos em que se alimentam, se lhe forem ofertados com intencionalidade.

Nesses momentos surgem, emergem e se constituem práticas e ações que são importantes no desenvolvimento e na inserção cultural da criança na sociedade. O papel do professor não é apenas o de garantir o alimento (saciar a fome), mas o de suscitar, mediante a semiose, a compreensão da alimentação, os usos dos objetos e as diversas possibilidades que os alimentos trazem (Ochs e Shohet, 2006); a origem, a importância, o valor social e cultural de comidas como o arroz e o feijão na história regional e nacional brasileira, por exemplo. Embora não haja uma ação explícita sobre o conteúdo escolar, a criança deve vivenciar situações que lhe permitam preparar a sua chegada aos contextos educacionais for mais, criando sentidos sobre os momentos que partilha alimentos com outrem, aprendendo sobre os usos, nomes, modos, planos e rotinas da vida cotidiana. O refeitório é um local onde diversos aspectos sociais e culturais convergem (incluindo o uso dos objetos e a forma de comer os alimentos). Partilhar, dialogar, narrar, usar, comer e envolver-se com outrem são alguns desses aspectos relevantes. (RENGIFO-HERRERA; RODRIGUES, 2020, p. 255).

Em complemento, o Quadro 7 apresenta um excerto significativo para o eixo “desenvolvimento alimentar e nutricional”.

Quadro 7 – Eixo de Análise “Desenvolvimento alimentar e nutricional”

Muito mais do que o aporte de alimentos nutricionalmente saudáveis, a alimentação neste período representa a formação de hábitos alimentares que refletirão padrões alimentares na vida. (LONGO-SILVA, *et al.*, 2013, p. 549).

Fonte: Elaboração das autoras com base em dados da pesquisa (2022).

De acordo com Longo-Silva *et al.* (2013), os momentos das refeições ocorridos nas creches são situações propícias à aprendizagens motivadoras de desenvolvimento alimentar e nutricional das crianças e podem ser propulsores de práticas saudáveis por toda a vida. Com essa compreensão, os autores refletem a necessidade de formação e sensibilização do profissionais que atuam na alimentação das crianças.

O artigo aponta, a partir de relatos das profissionais entrevistadas, que as práticas profissionais delas no momento das refeições são baseadas em crenças, hábitos e costumes pessoais, sem um conhecimento científico que as orientem. Citam, por exemplo que, para a criança comer determinado alimento, lançavam mão de artifícios não saudáveis, como misturar um alimento com outro, além da chantagem, da

coação e da premiação. O artigo alerta que o uso desses artifícios refletirão em hábitos e padrões alimentares destrutivos que poderão acompanhar a criança em sua vida adulta.

No conjunto, os autores concluem sobre a existência de defasagem nos cursos de Pedagogia no que se refere a ausência, em grades curriculares, de uma disciplina que ofereça conhecimentos específicos sobre a alimentação infantil, sugerindo os treinamentos na creche como alternativas para essa insuficiência. Consoante com a assertiva de Longo-Silva *et al* (2013) afirmamos a essencialidade dos momentos de educação e cuidado, especialmente como contextos e situações favoráveis àquelas aprendizagens orientadoras de desenvolvimento humano na IEI.

DISCUSSÃO

Diante do exposto, as ações de cuidado constituem-se potencialmente humanizadoras, pois, nelas, o corpo do bebê, meio pelo qual ele conhece, explora e aprende, está em evidência em diversos aspectos nos artigos localizados na pesquisa ora apresentada. Compreendemos que, nas ações de cuidado, a partir da relação com seus companheiros de infância e com os adultos, os bebês e as crianças pequenas constituem sua identidade, desenvolvem emoções essenciais para o seu pleno desenvolvimento, como autoestima, segurança e confiança para explorar o meio, aprende o uso convencional dos objetos, se apropria de práticas socioculturais e desenvolve hábitos alimentares e nutricionais.

Em harmonia com essas considerações, os estudos constatam e discutem que os momentos de cuidado ofertados pela IEI aos bebês e crianças pequenas só serão situações de aprendizagem e desenvolvimento se forem organizados e planejados intencionalmente para isso. Os textos de Coutinho (2017) e Monção (2017), por exemplo, nos ajudam a refletir que os momentos de cuidado não são promotores de aprendizado por si só, sendo necessário que os professores e demais profissionais que atuam com bebês e crianças pequenas criem condições para que a aprendizagem aconteça nesses momentos.

Para criar essas condições e promover uma educação humanizadora, é fundamental que os profissionais atuantes nas instituições educativas se apropriem de uma teoria capaz de dirigir práticas em que a criança seja sujeito ativo, social, capaz de aprender desde a mais tenra idade. Torna-se essencial, nesta perspectiva, aos professores e demais educadores, uma teoria que forneça base científica para o entendimento de como os bebês e crianças pequenas aprendem e se desenvolvem para que, assim, possam exercer o seu papel mediador na EI, ofertando, organizando e planejando, intencionalmente, espaços, tempos, relações e vivências potencialmente humanizadoras e promotoras de aprendizagem e desenvolvimento nos anos iniciais da vida.

No entanto, os dados reunidos nas pesquisas de Oliveira (2016), Bahia e Mochiutti (2017) e Monção (2017) expõem a ausência de formação sólida e específica para atuação com bebês e crianças pequenas refletida nas práticas pedagógicas desintencionalizadas, as quais desconsideram a potencialidade humanizadora das ações de cuidado ofertadas pelas IEI. Em acréscimo, Barbosa e Quadros (2017) discutem a falta de visibilidade e de reconhecimento das ações cotidianas nos currículos, projetos pedagógicos e cursos de formação de professores.

Já as pesquisas de Delgado (2015) e Oliveira (2016) corroboram a relevância da temática discutida neste texto, afirmando que a unidade entre educar-cuidar está presente nos discursos dos professores e professoras de berçários e creches, mas ainda há o desafio de concretizá-la nas práticas docentes observadas. Com isso, os argumentos apresentados dirigem-se à compreensão de que a unidade do educar-cuidar pode se efetivar em práticas pedagógicas como propulsoras de desenvolvimento integral dos bebês e das crianças pequenas.

Essa compreensão assevera a ideia de que a concretização de um projeto político-pedagógico, teoricamente embasado, contribui para que a unidade entre a educação e o cuidado de bebês e crianças pequenas se efetive como prática docente na EI (AKURI; KOHLE; PEREIRA, 2020). Em conjunto, a gestão pedagógica assume a responsabilidade em promover ações de formação continuada que levem essa compreensão para as práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de dados produzidos mediante pesquisa bibliográfica, as páginas anteriores afirmaram a premissa que os momentos de cuidado, se intencionalizados, podem se tornar situações potenciais de aprendizagem e desenvolvimento na IEI, respondendo ao objetivo desta exposição e afirmando as ações de cuidado como potencialmente humanizadoras. Com essa assertiva, é possível ofertar, diariamente, no espaço educativo, aos bebês e crianças pequenas experiências relacionais, corporais, emocionais, de movimento, dentre outras, capazes de configurar os momentos de cuidado como profícuos para a relação do bebê com o meio social. Nessa relação, há possibilidades de construção da identidade, desenvolvimento emocional, aprendizagem de uso convencional dos objetos e apropriações de práticas culturais, além do desenvolvimento alimentar e nutricional.

As argumentações apresentadas ao longo do texto possibilitam considerar os momentos de cuidado como propícios para o desenvolvimento da comunicação emocional e da atividade objetual – atividades principais de aprendizagem nos três primeiros anos de vida, segundo a THC.

Consoante com essa compreensão, embora seja conhecida e discursada por profissionais da EI, a indissociabilidade das ações de educação e cuidado requerem ser

materializadas nas práticas pedagógicas observadas superando a focalização exclusiva em aspectos assistenciais atribuídos às creches até a década de oitenta. Para refutar esse cenário, a pesquisa apresentada assevera acerca da necessária formação inicial e continuada de professores da EI tendo como um dos pilares dos estudos e reflexões o binômio educar-cuidar para que seja de fato compreendido e traduzido nas práticas docentes.

O exposto indica a necessidade de outros estudos ampliadores das reflexões tecidas nesta exposição, ratificando outras produções científicas dedicadas a discutir o valor da indissociabilidade do educar-cuidar como um princípio basilar para práticas pedagógicas que visam a promoção da aprendizagem e desenvolvimento integral dos bebês e das crianças pequenas.

GOMES J.; LIMA, E. A.; MORAES, T. S. V. Care moments in babies and small children education: potential situations of learning and human development. *Marília*, v. 23, n. 01, p. 197-216, 2022.

ABSTRACT: Care and education are inseparable structuring actions of the curriculum in Early Childhood Education, especially in schools dedicated to babies and young children. This scientific argument guided the forwarding of bibliographic research that aimed to investigate and understand the role and value of moments of care for babies and young children, offered by Early Childhood Education Schools, as potential situations of learning and development. From the investigation, it was verified that care actions are potentially humanizing because they can become fruitful for the baby's relationship with the social environment, configuring effective conditions for the construction of their identity and their intellectual and emotional development. In this direction, gathered studies point to the role and value of moments of care and education for learning the conventional use of objects and appropriation of cultural practices, involving, among other things, food and nutritional development, and affirming the care-education unit as fundamental for the promotion of a humanizing Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education. Babies care and education. Cultural-historical theory.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA PEREIRA, B. da.; S., BELLAFRONTTE, E.; ALMEIDA, M. de L. de.; SILVA, R. M. M.; SOBRINHO, R. A. S.; ZILLY, A. Práticas e percepções de educadores quanto ao aleitamento materno. **Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde**, v. 3, n. 31, jul./set. 2018.

AKURI, J. G. M.; KOHLE, E. C.; PEREIRA, M. C. Cuidado e educação dos bebês e crianças pequenas: um olhar por dentro da creche. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 171–192, 2020. DOI: 10.14393/REP-2020-53182. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/53182>. Acesso em: 16 fev. 2022.

BAHIA, C.C.S.; MOCHIUTTI, Solange. Natureza e sociedade: contribuições da pesquisa-formação na construção de saberes e fazeres no berçário. **Revista Cocar**, Belém, v.11, n.21, p. 279 a 301 – jan./jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1292>. Acesso em: 16 fev. 2022.

BARBOSA, M. C. S.; QUADROS, V. S. R. As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças com gesto curricular. **Em aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 45-70, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3358>. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3213>. Acesso em: 16 fev. 2022.

BECKER, M.S.; BERNARDI, D.; MARTINS, G.D.F. Práticas e crenças de educadoras de berçário sobre cuidado. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.18, n.3, p.551-560, jul./set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QmbckhtpLrJv5Yn8FmkYVRP/?lang=pt#>. Acesso em: 16 fev. 2022.

CAMPOS, M. M. et al. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras. **Cadernos de Pesquisa** [online], v. 41, n. 142, p. 20-54. 2011.

CRUZ, S.G.; OLIVEIRA, T.A.; FANTACINI, R.A.F. A indissociabilidade do brincar, cuidar e educar na Educação Infantil. **Research, Society and Development**, v. 4, n. 4, p. 227-238, abr. 2017.

COLLA, R. A. O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [S.l.], v. 100, n. 254, p.111-126, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3956>. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3291>. Acesso em: 16 fev.2022.

COUTINHO, A.M.S. Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 105-114, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i100.3313>. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3217>. Acesso em: 16 fev.2022.

DELGADO, J. Entre os saberes e práticas das professoras de educação infantil: um estudo sobre os cuidados na primeira infância. **Revista Poiésis**, Tubarão, v.9, n.15, p.63-79, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/2716/2115>. Acesso em: 16 fev.2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, V. G. de. A atividade principal no processo de educação de bebês. In: SILVA, J.R.S; SOUZA, R. A. M.; MELLO, S. A; LIMA, V.G. (org.). **Educação de bebês: cuidar e educar para o desenvolvimento humano**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018. p. 211-248.

LONGO-SILVA, G., TADDEI, J.A.A.C., KONSTANTYNER, T., TOLONI, M.H.A. Percepções de educadores de creches acerca de práticas cotidianas na alimentação de lactentes: impacto de um treinamento. **Ciência&Saúde Coletiva**, v.18, n.2, p.545-552, jan.2013. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/percepcoes-de-educadores-de-creches-acerca-de-praticas-cotidianas-na-alimentacao-de-lactentes-impacto-de-um-treinamento/8509>. Acesso em: 16 fev.2022.

MELLO, S. A. O cuidado e a educação dos bebês e a formação de dirigentes. **Nuances: revista sobre educação**, Presidente Prudente, v.28, n.3, p.23-42, set./dez.2017.

MELLO, S. A. Acolhimento e escuta: desafios às relações adulto-criança. In: MAGALHÃES, Cassiana; CARBONIERI, Juliana (org.). **A Teoria como condição da liberdade docente na Educação Infantil**. Curitiba: CRV, 2020. p. 17-34.

MONÇÃO, M. A. G. Cenas do cotidiano da educação infantil: desafios entre cuidado e educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43, n.1, p.161-176, jan./mar.2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201608147080>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/cZL7VJD CJQQnL8rHP6Z3kBF/?lang=pt#>. Acesso em: 16 fev.2022.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, J. S. de. O cuidar, o educar e o brincar nos tempos, espaços e contextos socioeducativos da/na creche: algumas considerações. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 106-128, 2016. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/20>. Acesso em: 16 fev. 2022.

RAYNA, S. Participação e qualidade do cuidado e da educação na creche. **Pro-Posições** [online], v. 24, n. 3, p. 65-80, 2013.

RENGIFO-HERRERA, F. J.; RODRIGUES, A. P. G. M. Quando comer não é suficiente: Tríade cuidado/educação, desenvolvimento e uso dos objetos durante as refeições em duas creches do DF. **Psicología desde el Caribe**, vol.37, n.3, p.237-258, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14482/psdc.37.3.372.21>. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-417X2020000300237&script=sci_arttext&ctlng=pt. Acesso em: 16 fev.2022.

SANTOS, S. S. de. A atividade comunicativa na educação de bebês e crianças pequenas. In: CORRÊA, Anderson Borges *et al.* (org). **Educação e humanização de bebês e de crianças pequenas: conceitos e práticas pedagógicas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 27-53.

SAULLO, R. F. M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S. Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche. **Pro-Posições** [online], v. 24, n. 3, p.81-98, 2013.

SILVA, I. O.; LUZ, I. R. Relações entre famílias e instituições de educação infantil: o compartilhamento do cuidado e educação das crianças. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n.50, e14110, jul./set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n50.14110>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/14110>. Acesso em: 16 fev.2022.

SILVA, J. C.; ARCE, A. Infância, conhecimento e função docente nos documentos do MEC destinados a educação infantil: uma análise a luz da psicologia histórico-cultural. **Revista HISTEDBR**, Campinas, v. 10, n. 39, p. 119-135, 2012.

SOUZA, R.A.M; MELLO, S. A. O desenvolvimento cultural na infância de 0 a 3 anos: entre o cuidado e a educação. In: SILVA, J.R.S; SOUZA, R. A. M.; MELLO, S. A; LIMA, V.G. (org.). **Educação de bebês: cuidar e educar para o desenvolvimento humano**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018. p. 211-248.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas**. Tomo IV. 2 ed. Madrid: Machado Libros, 1996.